

**A CIRCULARIDADE
DO DISCURSO RELATADO INFANTIL**

Ana Cristina Opitz (UFRGS)
acopitz@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa na linha da Análise do Discurso francesa trata da circularidade do sentido presente no discurso produzido oralmente por sujeitos-criança (e depois transcrito): o discurso relatado infantil.

A circularidade dá-se através dos processos diferenciados de leitura que levam ao equívoco como efeito de discurso, isto é, uma leitura com forte tendência polissêmica que constitui uma das formas significativas de realização da recontagem de narrativas do interdiscurso. Foi analisada a narrativa “Chapeuzinho Vermelho” além de diversas piadas e chistes presentes no arquivo formado por entrevistas transcritas da Coleta Longitudinal do Banco de Dados do Projeto *Desenvolvimento da Linguagem da Criança em Fase de Letramento* (Delicri), deslocado da área de estudos sobre Aquisição da Linguagem.

Esta pesquisa visa a encontrar semelhanças e diferenças entre o discurso infantil e o discurso correspondente do interdiscurso (do qual, a ‘tentativa parafrástica’) e as suas diversas posições-sujeito, condições de produção e formação discursiva dominante dos sujeitos-criança.

Segundo Moll (1997), que se preocupa com a alfabetização e seus métodos, o sujeito-criança procura desenvolver esquemas para a compreensão das situações do seu cotidiano mesmo antes de entrar na escola, construindo seus próprios processos de apropriação da língua escrita. E diz: *faz-se necessária, então, a recuperação das linguagens (oral e escrita) enquanto produções históricas, só compreendidas a partir da ação e inserção humanas.* (p. 60)

O presente arquivo é formado por sete sujeitos (Alexandra, Camila, Carmela, Gabriel, Mateus, Natália, Rodrigo), em idade entre cinco e nove anos (aqui cunhados *sujeitos-criança*) acompanhados desde a fase anterior à entrada na escola, ou no mundo da escrita propriamente dito. São produções orais que foram transcritas e inse-

ridas no campo abordado pela Análise do Discurso. Os sujeitos-criança produziram textos que deixam transparecer uma noção de autoria mesmo em ‘tentativas parafrásticas’, ou seja, romperam com tendências tradicionais de recontagem de histórias infantis do interdiscurso e instauraram um novo sentido para seus textos, nos quais fica evidente (através de marcas na materialidade linguística) quem são os autores: *eles mesmos*.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Os processos de leitura diferenciados são construídos a cada leitura pelo sujeito-criança que é inserido em diferentes condições de produção. Tais processos explicam o fato de o mesmo sujeito contar “aparentemente” a mesma história ou piada mais de uma vez ao longo do tempo em que foi submetido a entrevistas periódicas, modificando personagens, fatos, ordem de ocorrência dos mesmos, tudo corroborando para uma nova versão, e até mesmo para uma ruptura com a história tomada como ‘matriz’.

Considerando as palavras de Orlandi (1996), podemos dizer que a produção da linguagem se faz na articulação de dois grandes processos discursivos, a paráfrase e a polissemia. De um lado, há um constante retorno a um mesmo dizer, uma tentativa de estabelecer o repetível (*‘tentativa parafrástica’* — paráfrase) e de outro, há no texto uma tensão que aponta para o rompimento com o mesmo em direção ao polissêmico, o que será considerado *instauração de um novo sentido*. É justamente este ponto que será aprofundado com a tomada de uma narrativa do interdiscurso como ‘matriz’. O sujeito-criança instaura um novo sentido a cada recontagem, passando a considerar, inconscientemente, essa mesma narrativa como ‘fonte’ do sentido do discurso que produz. Por vezes, há uma ruptura da ordem do repetível no discurso relatado infantil tanto através das próprias narrativas relatadas quanto de piadas de humor contadas no espaço reservado (nas entrevistas) para a recontagem de narrativas infantis do interdiscurso. O lugar da ruptura é o que revela o equívoco como efeito de sentido, constitutivo, portanto, do discurso relatado infantil, o qual tem forte tendência polissêmica. Esse lugar muito rico para a exploração dos processos de leitura, pelos quais cada sujeito passou até a construção de um novo texto, não é, senão, o *seu* texto.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Entrando mais ainda no viés da leitura, o equívoco torna-se evidente quando o relato pretende o efeito de humor: é o caso das piadas infantis contadas no lugar reservado a relatos ficcionais (narrativas infantis do interdiscurso) no arquivo em análise. Há tanto a ruptura com o pré-estabelecido (a não-recontagem de uma narrativa infantil) quanto com o senso comum (o que caracteriza o humor, a ironia, a piada).

Por que trabalhar com crianças? Não seria tarefa dos linguistas que estudam a aquisição da língua materna?

Aqui está a flexibilidade da Análise do Discurso: não só o discurso dos sujeitos-adulto presta-se à análise, e sim, toda forma de produção escrita, seja ela de sujeitos já inseridos socialmente na escola ou não.

ANÁLISE BLOCO 1: NARRATIVAS INFANTIS

Diante das diversas ocorrências verificadas no Banco do Delicri, a narrativa que mais apareceu foi “Chapeuzinho Vermelho”. A que foi tomada por ‘original’ nesta pesquisa foi a escrita pelos *Irmãos Grimm* em alemão e que teve seus antecedentes, conforme Bettelheim (1979), em *Perrault*, 1697 (em francês), em *Lièges*, 1023 (em latim), e no mito de Cronos (em grego). As ocorrências analisadas neste arquivo não comprovam a existência de somente *um* discurso fundador de autoria restrita, mas sim, de um discurso fundador que comportaria mais de um autor, logo, mais de uma ‘narrativa original’. A mais popular, sem dúvida, é a versão dos *Irmãos Grimm*.

A partir da noção de discurso fundador trabalhada por Orlandi (2003), podemos dizer que um discurso, para ser tomado como fundador, deve, ao menos, ter contribuído sob algum aspecto para o “sempre-já-lá”, isto é, deve ter tido, na ruptura ou na inovação, apoio teórico-linguístico para a produção de um novo tipo de discurso. Desta forma, um novo olhar de recepção (novos gestos de leitura e de interpretação) e um novo efeito de sentido acontecem. Considerando-se o novo como constitutivo do sentido e construído discursivamente com o equívoco, podemos dizer que a ruptura em si traz uma carga semântica positiva, portanto produtiva para a teoria do Discurso.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Os processos diferenciados de leitura determinaram os diferentes modos de recepção do texto contado/escrito. O equívoco, como efeito de discurso, aconteceu e determinou os rumos da produção oral ou recontagem da narrativa “Chapeuzinho Vermelho” do interdiscurso, assim como das piadas e chistes. O sujeito-criança lê de forma polissêmica, portanto constitui significativamente a sua recontagem tanto de narrativas infantis quanto de piadas e chistes. Analisemos as sequências discursivas⁸ do sujeito-criança Gabriel:

*GAB: daí ela chegou [/] ela encontrou uma árvore falante que na verdade era o lobo dela # daí o lobo falou +"/.

*GAB: +” vá pelo caminho mais longo.

*GAB: daí ele [/] ele foi pelo caminho mais perto daí <ele comeu> [/] ele comeu a vovó e ela chegou lá bem tarde daí ela bateu e aí e ele o lobo "/.

Ele já começa a inovar logo de início, o que é característica comum do sujeito Gabriel. *Árvore falante* é uma completa mudança do fato de o Lobo ter surpreendido a menina sozinha pelo bosque, é um outro olhar em cima do oculto, inesperado, não cogitado. Uma árvore que fala já é surpreendente (não tanto se lembrarmos que todos os bichos da floresta conversam com a menina), ainda mais que a personagem estava perto dela (da árvore) sem perceber que *ela* falava, quanto mais que era o Lobo disfarçado de árvore com sérias intenções de assustá-la, quiçá devorá-la. No mesmo instante, o Lobo aconselha a menina a ir pelo caminho longo (pois ele irá pelo *caminho mais perto* até a casa da vovó), o que se apresenta como um outro fato inovador, pois ele somente pergunta onde a menina vai⁹, e não chega a estender mais o diálogo a ponto de recomendar um caminho para se chegar até o outro lado do bosque, onde mora a sua avó querida. *Caminho mais longo* versus *caminho mais perto* é uma

⁸ As sequências discursivas são nomeadas seguindo a metodologia de transcrição do Banco Delicri, qual seja: Lo (pesquisa longitudinal)gab (Gabriel) 10(décima entrevista transcrita), Logab10. A marcação com a qual foram efetuadas as transcrições segue o sistema CHAT (MacWhinney, 1991, 1994), do projeto Childes (Child Language Data Exchange), coordenado por Brian MacWhinney (Carnegie Mellon University) e Catherine Snow (Harvard University). Assim também seguem os sinais fonéticos, fonológicos, sintáticos e supralinguísticos que aparecem nas sequências escolhidas. Mais esclarecimentos poderão ser obtidos em Opitz (1999).

⁹ Em Logab10, esta pergunta já é um pré-construído — por isso é omitida — que o impulsiona a aconselhar a menina a demorar no bosque enquanto ele se apressa e consegue comer a pobre velhinha.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

analogia de “demorar-se” versus “apressar-se”, o que realmente aparece na narrativa original. No momento em que o Lobo fala com a Chapeuzinho, começa a existir, o que ainda não havia aparecido nas narrativas do arquivo, a identificação, *quase* exclusiva, com o Lobo, por ser um personagem masculino narrado por um sujeito também do sexo masculino. Dizemos “quase” porque a voz da vovozinha doente na cama também é marcada por discurso direto (pista de identificação). O que ocorre é uma ‘simulação-presentificação’, pois o narrador Gabriel vive os momentos do Lobo e com o Lobo, ou seja, quando o Lobo Mau notadamente aparece na história e desencadeia uma série de fatos importantes para a trama em si. Nas palavras de Lemos (1988),

A criança assume ou o papel de quem fala, como se lesse ou como se ditasse, ou o papel daquele que age como se escrevesse para seu interlocutor ler. Ou ainda, sua atividade se define como a de quem não pode ler o que escreve nem pode escrever o que lê. (Lemos, 1988, p. 12)

A expressão *Lobo dela*, que aparece no primeiro turno recém citado, é uma apropriação, pela Chapeuzinho, do fato/personagem através da voz (e posição-sujeito) do narrador Gabriel. O possessivo *dela* traz consigo toda uma carga de sentido presente no imaginário do sujeito-narrador. Explicando melhor: o Lobo que provavelmente apareceria na história (da Chapeuzinho Vermelho) e no caminho da personagem principal seria o Lobo que pretendia comê-la (pois costumava comer crianças) e a sua avó também. Só aparece um Lobo na narrativa original, e este é o *da* Chapeuzinho, aquele que desencadeia os fatos da trama referente à desobediência das recomendações da mãe pela filha, aquele que provoca a “moral da história” no final de todo conto de fadas. Ele era o Lobo *dela*, reservado para aqueles momentos de distração no bosque e causador da fama do valente caçador que salva vidas inocentes.

Ao terminar a sua história, Gabriel dá ainda mais ação ao “seu” Lobo, pois este corre atrás de Chapeuzinho e acaba não conseguindo pegá-la:

*GAB: daí tá@i daí na [//] o lobo queria comer começou a correr atrás da né@i da Chapeuzinho Vermelho ["] pra comer ela # e ela chamou os caçadores daí os caçadores abriram a barriga do lobo pegaram a vovó ah@i as duas se abraçaram e ponto final fimmm@.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

O final tem as suas modificações, como a que foi analisada acima e a que Chapeuzinho conseguiu fugir e chamar os caçadores (não só um, como no original), mas também tem os seus toques de subjetividade que revelam noções claras de autoria por parte do sujeito-criança Gabriel: ele está contando a sua história, acredita (inconscientemente aceita) que ela é a “verdadeira” versão e, por isso, se permite dá-la por encerrada ao seu interlocutor com a expressão *e ponto final fim*, não bastando um ponto (como uma marca gráfica, se estivesse escrevendo um livro) para acabar a narrativa, sendo preciso pospor a palavra *fim* (como faria se estivesse realmente escrevendo). A realidade da escrita para ele é bastante marcante e presente em seu cotidiano, pois pode ter contato não só com versões contadas de histórias infantis, mas também com os próprios livros nos quais estão escritas. Ele tem CP’s bem diferentes dos sujeitos analisados, pois aprendeu a ler e escrever antes de entrar na escola e, no momento da entrevista, estava cursando o final da segunda série do ensino fundamental.

ANÁLISE BLOCO 2: PIADAS E CHISTES

Como já foi mencionado anteriormente, o presente arquivo tenta romper de fato com o pré-estabelecido, isto é, no espaço reservado para recontagens de histórias infantis do interdiscurso dentro das entrevistas da coleta longitudinal, alguns sujeitos-crianças negaram-se a fazer o proposto, inovando através da *denegação*.

A denegação em si é a negação de um saber “já-lá” e que pode ser dito pelo sujeito de uma FD determinada (como todos os sujeitos-criança deste arquivo), mas que, ao contrário do que é esperado, não é dito, é recalcado. Conforme Indursky (1997), *o recalcado é autorizado pelo domínio de saber em que se inscreve o sujeito do discurso, mas não é atualizado por seu dizer, pois o efeito de sentido que produziria é indesejável*. (p. 187). Não é exatamente ‘indesejável’ o efeito de sentido produzido pela ocorrência de feitos humorísticos neste arquivo, é sim estranha, diferente e inovadora. O fato de não aparecer a recontagem de um narrativa infantil qualquer do interdiscurso na entrevista não evidencia a inexistência de algum exemplar destas narrativas na memória discursiva do sujeito-criança, pelo contrário, o sujeito negou-se a contá-la e privilegiou outro tipo

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

de relato ficcional também autorizado pelo seu domínio de saberes, as piadas e os chistes.

A propósito dessas formas escolhidas pelos sujeitos para romper com o pré-estabelecido, formulamos uma distinção básica entre piada e chiste que foi utilizada nesta análise. Por *piada*, entendemos o texto humorístico de estrutura mais complexa ou, quem sabe, tradicional (com introdução, desenvolvimento e conclusão). Já, por *chiste*, entendemose os jogos de palavras e de saberes entre os interlocutores que possuem forma mais simples e breve. Ao longo da análise, caracterizações diversas são atribuídas a essas formas, todas tendo por base esta distinção fundamental.

As análises que se seguem referem-se justamente à multiplicidade de sentidos que um chiste, uma piada ou um dito humorístico carrega consigo levando tanto o sujeito-autor quanto o sujeito-leitor à transgressão, à denegação, à exploração de saberes segregados dos discursos convencionais. O humor é produzido a partir do desvelamento desses saberes trazidos à tona por um sujeito mais atento e pronto a transformar um fato banal do dia-a-dia em acontecimento discursivo através de um gesto de leitura diferenciado. Portanto, o humorista, ou aquele que faz humor, não é nada mais que um sujeito-leitor cumprindo a sua função ao realizar um gesto de interpretação. Vejamos a sequência discursiva a seguir:

*CAR: ### tu conhece [: conheces] uma piada pesada?

*INV: se eu conheço uma piada pesada?

*CAR: é.

*INV: ah@i não sei depende do que tu chama [: chamas] de pesada +/-

*CAR: não [!] tem que dizer sim ou não tu conhece [: conheces] uma [/] uma piada pesada?

*INV: acho que conheço sim conheço.

*CAR: um elefante em cima de uma formiguinha.

*INV: [=! riso] (es)tá+bom@i!

O efeito de sentido de um discurso que provoca comicidade, como neste chiste, é a participação significativa da entrevistadora para o acontecimento humorístico introduzido pelo sujeito-criança. Houve uma interação ou ‘jogo de formações imaginárias’ a partir da

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

pergunta que desencadeia todo o efeito de sentido do chiste. *Piada pesada*, tendo-se por pré-construído todo um imaginário de sujeito-adulto, introduz a imagem de um discurso com vocabulário de baixo calão e não próprio de um sujeito-criança e para um sujeito-criança. Por essa razão, o sujeito-adulto entrevistadora hesita ao responder a pergunta do sujeito-criança Carmela, que retifica a sua questão, mostrando saber lidar com o suposto imaginário do sujeito-adulto. Neste fato é que reside o efeito de humor do chiste proposto pelo sujeito-criança. É interessante verificar-se que a nomenclatura sujeito-narrador não foi utilizada na análise do chiste citado acima. Por quê? Não está no lugar (ou momento) reservado para o relato ficcional? Sim, está. No entanto, não é um *relato*, somente, *ficção*.

Conforme o Dicionário Brasileiro Globo (1993), relato é *ato ou efeito de relatar, exposição, narração* (p. 598). Se fosse uma piada, como as outras que seguem, poder-se-ia dizer que é uma narração, pois geralmente baseiam-se em uma história com final cômico. No entanto, o chiste, em especial este apresentado pelo sujeito-criança Carmela, não é baseado em história alguma com final cômico. Ele é uma interação que, para que acontecesse de fato, precisou da colaboração efetiva do interlocutor, inclusive em relação aos efeitos não-discursivos (ou paralinguísticos) provocados no interlocutor (riso e entonação exclamativa). No mesmo dicionário, encontramos interação significando *ação recíproca* (*Ibidem*, p. 427). O que ocorre é justamente uma ação de reciprocidade, em que existe uma dependência em relação ao que é dito entre os interlocutores, isto é, dependendo da resposta de um é que se constrói a fala seguinte do outro. No chiste, o efeito de humor é construído pela interferência direta dos interlocutores no discurso. Esse discurso continua sendo de ficção e contando com elementos de subjetividade, porém não é constituído pelo processo de ‘simulação-presentificação’ de Pêcheux (1975/1995). Seria possível, até mesmo, chamarmos o chiste de ‘pseudoficção’, já que não é proferido pelo sujeito-narrador, e sim, diretamente pelo sujeito-criança, como é o caso. O sujeito-criança não precisa de um sujeito com função de mediador e de organizador para o seu discurso, ele realiza essas funções sem precisar do simulacro sujeito-narrador para isso.

CONCLUSÃO

A partir das análises feitas, a hipótese de ‘tentativas parafrás-ticas’ foi derrubada e confirmada a de ‘tendências polissêmicas’, que instauram um novo sentido a cada recontagem, tendo o equívoco como efeito de sentido constitutivo do discurso relatado infantil.

Quanto às recontagens de narrativas infantis, as personagens principais da análise são os sujeitos-criança. Eles, por vezes, ignoram a autoria de suas versões, por vezes, admitem-na. Quanto aos sujeitos-criança analisados, pôde-se verificar que, na sua maioria, eles surgem, através das suas recontagens, como sujeitos-autor. Apenas o sujeito-criança Matheus não conseguiu constituir-se enquanto sujeito-autor, pois o seu discurso é tomado por lacunas e interferências da exterioridade relacionadas ao próprio sujeito-criança. Por exemplo, as marcas de incerteza (“eu acho que...”; “eu não sei se...”) e as constantes retomadas do seu dizer (marcadas no arquivo pelo símbolo [/]) revelam uma proximidade do nível pré-consciente do sujeito, o que interfere diretamente no processo de ‘simulação-presentificação’ da ficção, caracterizado por Pêcheux (/1975/1995). Esta conclusão mostra que o sujeito-criança mais próximo ao nível pré-consciente, característico do sujeito-adulto, fica mais ‘improdutivo’ no campo ficcional, onde ele tem a ilusão de ser a fonte do seu dizer e consegue constituir-se, sem preocupação com a verdade absoluta ou com a ordenação dos fatos narrados, um sujeito-autor por excelência.

O processo de leitura e recontagem da ficção dá-se, na maioria das versões, de modo inconsciente para os sujeitos, que, em alguns momentos, o fazem até de modo pré-consciente, como foi comprovado anteriormente. Assim, pôde-se verificar que o desenvolvimento dos processos de leitura para os sujeitos-criança está na proporção inversa à dos sujeitos-adulto, conforme a literatura na área têm mostrado. Tal fato comprovou que os sujeitos escolhidos para análise não tentam negar a opacidade da língua, através de insistentes retomadas ao nível pré-consciente do sujeito, que determinariam a produção de um discurso mais lógico, bem organizado e impregnado de regras linguísticas como constitutivas do discurso relatado dos sujeitos-adultos. Ao contrário, eles afirmam, através das diversas versões encontradas no arquivo, a existência do equívoco como constitutivo do efeito de sentido produzido pelo discurso relatado in-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

fantil. Além disso, também se pôde verificar que nem todo contador de histórias constitui-se um sujeito-autor no momento em que produz um discurso relatado, principalmente, em se tratando de sujeitos-criança e de um discurso relatado caracteristicamente infantil.

Quanto às recontagens de piadas e chistes, o foco discursivo recaiu sobre os interlocutores e seus gestos de interpretação e leitura, isto é, de recepção e interação com o sujeito-narrador (nas piadas), com o sujeito-criança diretamente (nos chistes e adivinhações) e com o sujeito-adulto (na posição de entrevistador e função de ouvinte). A importância do equívoco para se estabelecer uma ruptura com o pré-estabelecido nas entrevistas deste bloco, através das recontagens de feitos humorísticos no espaço reservado a relatos ficcionais, foi fundamental, ou melhor, constitutiva. Nesta parte, o equívoco não só é constitutivo do efeito de sentido do discurso, mas também é a ‘alma’ do humor. Se o equívoco não fosse bastante evidente e distante da leitura de mundo do interlocutor, não haveria efeito de sentido nem humor muito menos. Se não houvesse efeito de sentido, não haveria discurso. Se não houvesse discurso, não haveria sujeito. Se não houvesse sujeito, não haveria sentido. E o sentido? Ele é circular, presente e condicional. Só há discurso, sujeito e tudo o mais se existe sentido. Ele é o condutor do fio discursivo que não possui nem início nem fim, está (simplesmente!).

O sujeito produtor de sentido, aqui, foi aquele que assumiu uma posição ao constituir-se no discurso, que assinou a sua produção como sua, que suspendeu a lógica e o senso comum para instaurar o novo, que compartilhou um saber.

É ele, o sujeito-criança, o responsável pelo amadurecimento linguístico e discursivo do sujeito-adulto; é ele também que inicia os processos diferenciados de leitura que, mais tarde, já enquanto sujeito-adulto, irão determinar o seu posicionamento em uma FD e o seu discurso. É, enquanto sujeito-criança, que o sujeito desenvolve uma leitura de mundo voltada para o outro, aquele que sempre estará presente no discurso da recepção e da produção, o outro constitutivo de todo discurso, o outro materializado no equívoco. A instauração de novos sentidos no discurso relatado infantil, portanto, é inevitável, confirmando a hipótese de este discurso ser fortemente polissêmico, e não, parafrástico como um discurso relatado utopicamente seria.

BIBLIOGRAFIA

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GADET, F. & HAK, T. (org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1993.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis*. Campinas: Unicamp, 1997.

LEANDRO FERREIRA, M. C. *A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambiguidade ao discurso*. Tese de Doutorado. IEL: Unicamp, 1994.

LEMOS, C. T. G. Prefácio, **In:** KATO, M. (Org.), *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes, 1988, p. 9-14.

MOLL, J. *Alfabetização possível — Reinventando o ensinar e o aprender*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

OPITZ, A. C. *Era uma vez... Análise do discurso relatado infantil*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

ORLANDI, E. *Discurso fundador*. Campinas: Pontes, 2003.

———. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1996.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. ORLANDI, E. *et alii* (Trad.). Campinas: Unicamp, 1995.

VERÓN, E. *A produção do sentido*, São Paulo: Cultrix, 1980.